

Há risco de guerra na Ucrânia?



Carlos Coelho

Ex-deputado ao Parlamento Europeu Presidente da associação Nossa Europa



Sónia Sénica

Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais

SIM O risco é real! Mesmo que, sob o ponto de vista das probabilidades, não pareça evidente, o risco do conflito existe e o aumento de tensão entre as lideranças ocidentais (com Estados Unidos e União Europeia à cabeça) e a ditadura de Putin torna-o ainda mais claro.

Uma guerra aberta, no sentido clássico, não interessa verdadeiramente a ninguém. Se a abordagem for puramente racional, a guerra parece improvável.

Mas a mobilização de fortes e pesados meios militares e o clima de tensão existente podem desencadear situações bélicas indesejáveis. Salvaguardado o exagero da comparação, é como as matas desprotegidas e os fogos florestais. Material inflamável acumulado, ambiente propício e uma fagulha podem causar um incêndio potencialmente devastador.

A verdade é que estão cerca de 100 mil soldados russos (que sabemos) junto à fronteira com a Ucrânia. A verdade é que há material militar pesado no local. A verdade é que Putin não quer nem a Ucrânia nem a Geórgia na NATO (e também não quer nenhum dos dois na União Europeia). A verdade é que Putin continua a apoiar o ditador Lukashenko da Bielorrússia e, recentemente, enviou tropas russas para travar o descontentamento interno dos cidadãos do Cazaquistão. A verdade é que Putin não teve pejo em mandar prender Alexei Navalny, distinguido com o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento do Parlamento Europeu.

Putin quer manter esferas de influência sobre as antigas repúblicas soviéticas, embora invoque apenas a sua própria segurança, repetindo que a aproximação desses países à NATO colocaria a Rússia à mercê de mísseis supersónicos a uma “distância” de cinco a sete minutos.

É apenas mais uma justificação, a que normalmente acrescenta a “defesa das minorias russas”, que existem, de facto, mas estão longe de estar ameaçadas.

Sobretudo quando comparadas às restrições aos direitos e liberdades dos russos, especialmente os que se atrevem a pensar pela sua própria cabeça.

E Putin joga também com alguma divisão na Europa.

Se é verdade que nos momentos decisivos tem havido capacidade de reação, não é menos verdade que os 27 não têm a mesma opinião sobre a eficácia de medidas punitivas de carácter económico e sobre a necessidade de se rever o gasoduto Nord Stream 2 e a dependência energética da Europa.

No meio de tudo isto, reuniões bilaterais, do Conselho NATO-Rússia, da OSCE e de outras tantas plataformas, são apenas oportunidade para fotografias e declarações de força. O multilateralismo está a falhar.

A ditadura do Kremlin instalou-se e afirmou-se internamente e agora olha para fora das fronteiras com o anseio imperialista próprio dos czares e a utopia soviética de uma união de povos liderada pela Rússia.

Putin sabe que as circunstâncias internacionais lhe permitem mostrar força, com ou sem bluff, mas no meio de tanta tensão que cria e alimenta, a partir de Moscovo, qualquer gesto pode significar uma ameaça.

Desencadeada uma cadeia de acontecimentos, muitas vezes podemos “perder a mão”.

Entre tanta tensão, o risco é real.

NÃO A Federação Russa, liderada por Vladimir Putin, tem trilhado um caminho tendente a certa previsibilidade, no plano doméstico como na ação externa. Com liderança robusta, centralizada e personalizada, tem levado a cabo uma política externa cada vez mais assertiva. Seria previsível que já se soubesse a melhor forma de lidar com a Rússia de Putin. A nível interno, este tem fortalecido a sua legitimação e preservação no poder, seja pelo anúncio permanente de ameaça externa do Ocidente, pelo bloqueio à oposição fora do sistema político, ou pela reforma constitucional encetada em 2020. No plano externo, tem sabido reforçar alianças, nomeadamente com a China e o Irão; apoiar a preservação de regimes aliados, casos da Bielorrússia e do Cazaquistão; manter a pegada em regiões como África; aproveitar o retraimento dos EUA no Médio Oriente e Magrebe e mediar conflitos, caso da guerra civil síria; condicionar atores, como a UE, por via, por exemplo, da sensível questão do Nord Stream 2, e forçar a até então única potência mundial a regressar ao diálogo político-diplomático para dirimir a eventualidade de um conflito militar. A perplexidade com que nova movimentação para a fronteira com a Ucrânia apanhou o Ocidente, sobretudo Washington e a NATO, denota a leveza com que foram acolhidos os ecos recentes do Kremlin.

Ainda que possamos remeter para o discurso de Putin em Munique, de 2007, contestando a ordem internacional unipolar, mas sobretudo desde a anexação da Crimeia, em 2014, parece evidente que a Rússia pretende não só ser reconhecida internacionalmente como um grande, como manter influência no espaço pós-soviético, impedindo o alargamento de organizações como a NATO ou a UE. No momento mais tenso e delicado com o Ocidente desde o fim da Guerra Fria, a questão ucraniana parece ser ponto decisivo de uma nova fase da ordem internacional. Após a adesão dos Países Bálticos, uma das “linhas vermelhas” da Rússia é o não-alargamento do Ocidente a países como a Geórgia ou a Ucrânia. Na grande conferência de imprensa anual no fim de 2021, Putin deixou claro que o Ocidente terá de dar garantias de segurança à Rússia, que fiquem vertidas num acordo formal bipartido. Além de a implosão da União Soviética ter sido para Putin o “maior erro geopolítico da História”, as promessas no final da Guerra Fria de não alargamento da NATO não só foram postas em causa como motivaram a atual falta de credibilidade e confiança mútuas. A nova projeção de força militar russa na fronteira com a Ucrânia motivou uma ronda negociada a três fases, na passada semana, com o Ocidente, mas permaneceu o impasse. O cenário de invasão consta na agenda política do Ocidente, mas a Rússia refuta a acusação, justificando a militarização da fronteira com exercícios necessários, remetendo para a soberania nacional.

A Rússia já emerge vitoriosa, sem precisar sequer de recorrer a um conflito efetivo, por três razões: foi reconhecida como grande poder pelo Presidente Biden na Cimeira de Genebra, em junho; selecionou os interlocutores com quem pretende articular a nova arquitetura de segurança europeia, propondo um quadro normativo apenas com os EUA e a NATO; por último, demonstra a sua influência na Ucrânia pelo simples facto de conseguir mantê-la à margem do processo negociado.

A ditadura de Putin olha para fora das fronteiras com o anseio imperialista dos czares

A Rússia já emerge vitoriosa, sem precisar sequer de recorrer a um conflito efetivo